

SOCIALIZAÇÃO EM SENTIMENTOS EMPÁTICOS COM DÍADES MÃE-FILHO

Alessandra Vieira Fernandes
Maria Edna Silva de Alexandre
Prof Dra. Lilian Kelly de Sousa Galvão
Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande - Paraíba

Submetido em 28/06/2014

Revisado em 04/08/2014

Aprovado em 19/05/2015

Resumo: As técnicas de socialização que os pais adotam na educação dos filhos são cruciais para que os comportamentos de respeito, justiça, cooperação e altruísmo sejam fortalecidos ou enfraquecidos, bem como para promover ou não o desenvolvimento de sentimentos empáticos. Este trabalho teve como objetivo principal verificar se a técnica indutiva utilizada pelas mães ajuda a promover sentimentos empáticos nos filhos. Participaram da pesquisa 100 díades (mãe – filho), totalizando 200 participantes (100 mães e 100 filhos). Os filhos frequentavam escola privada e tinham entre 12 e 17 anos de idade e as mães possuíam idade média de 46 anos. Para os filhos foram aplicadas a *escala de Sentimento empático (SE)* e a *escala de Percepção dos filhos da empatia das mães (PFEM)*; para as mães, a *escala de Sentimento empático (SE)* e a *escala de Verbalização materna sobre a empatia (VME)*. Os dados foram analisados no programa SPSS. Os resultados revelaram que os sentimentos empáticos que são verbalizados ou compartilhados pelas mães aos seus filhos estão correlacionados com os sentimentos empáticos que os filhos consideram que as mães valorizam e com os sentimentos empáticos que eles e suas mães sentem.

Palavras chave: empatia, socialização materna, díade

Introdução

Crianças e adolescentes são socializados pelos diversos grupos que compõe a sociedade. A família, embora não seja o único canal para este processo, ocupa um âmbito privilegiado, uma vez que tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa socializadora (VITALE, 2002). Esse processo de socialização cabe às gerações mais velhas e se efetiva pela transmissão dos valores fundamentais da vida em grupo, como o respeito, sendo a moralidade o fio condutor desse processo (BIASOLI-ALVES, 2001). Dentre as técnicas utilizadas pelos adultos para a socialização, destaca-se a técnica indutiva, que consiste no uso de explicações pelos agentes de socialização que visam estimular comportamentos considerados socialmente adequados ou evitar comportamentos vistos como socialmente inadequados (HOFFMAN, 1983).

Note-se que o diálogo utilizado pelo adulto na técnica indutiva para a socialização tem sido apontado por diferentes autores como sendo relevante na promoção de comportamentos pró-sociais (BATSON, 1991; EISENBERG; FABES, 1998; HOFFMAN; KREVAS; GIBBS, 1996; SALTZSTEIN, 1967), na elaboração de julgamentos morais (CAMINO, 1979; CAMINO; CAMINO; MORAES, 2003; HOFFMAN, 1990; SAMPAIO, 2007) e na formação de princípios morais, nestes incluídos os princípios de justiça, do sentimento de solidariedade e do sentimento de empatia (CAMINO, 1979; CAMINO; CAMINO; MORAES, 2003; HOFFMAN, 1970; HOFFMAN; SALTZSTEIN, 1967; LAIBLE; THOMPSON, 2000).

Por outro lado, a técnica indutiva de socialização, usada também para evitar comportamentos socialmente indesejados, de forma semelhante a toda técnica, causa frustração e conflito no socializando, cujo comportamento foi impedido (HOFFMAN, 1983). Porém, essa frustração, diferente da grande maioria das outras técnicas de socialização, conforme sinaliza Hoffman (1983), produz um baixo nível de ansiedade, o que permite ao socializando compreender e aceitar a ação do agente de socialização, utilizando as informações posteriormente em situações semelhantes e, ainda, transmiti-las a outras pessoas.

Diante disso, ao oferecer informações claras, verbalizar sentimentos e atitudes frente a determinadas situações, os pais podem contribuir no

desenvolvimento da habilidade empática de seus filhos, o que, por sua vez, possibilita a motivação para agir com base na justiça, na solidariedade e na generosidade, motivando-os para comportamentos altruístas ou pró-sociais.

Hoffman (1975, 2003) considera que as técnicas que os pais adotam na educação dos filhos são cruciais para que os comportamentos de respeito, justiça, cooperação e altruísmo sejam fortalecidos ou enfraquecidos, bem como para o desenvolvimento de sentimentos empáticos. A empatia funciona como motivação para os comportamentos pró-sociais (HOFFMAN, 2003) e envolve, geralmente, a disposição de ajuda a alguém em desconforto, dor, perigo ou algum outro tipo de aflição. Isso porque ela significa a resposta afetiva vicária à outra pessoa, abrangendo componentes cognitivos e afetivos, isto é, o sujeito imagina-se no lugar do outro e tem uma ideia do que a outra pessoa está sentindo. Trata-se de uma percepção que se baseia em seus próprios sentimentos diante de algumas situações, em seus conhecimentos gerais sobre como as pessoas se sentem em tal ocorrência e/ou em seu conhecimento específico sobre essa outra pessoa (HOFFMAN, 1991). Nesse sentido, o desenvolvimento de empatia deve corresponder, pelo menos em parte, ao desenvolvimento de um sentido cognitivo da existência dos outros.

Alguns tipos de sentimentos vicários que revelam diferentes formas de empatia são apontados por Hoffman (2003):

- *Raiva empática*: é o sentimento de raiva direcionado a um agressor em defesa da vítima de uma agressão. Esse sentimento pode ocorrer, por exemplo, em uma situação em que se presencia uma criança sendo espancada por um adulto e se sente raiva do agressor em detrimento da compaixão sentida pela criança.

- *Compaixão empática*: é o sentimento de pena desencadeado em relação à pessoa que foi agredida, isto é, em relação à vítima.

- *Culpa empática*: é o sentimento gerado quando o observador percebe que ele não fez nada para mudar a situação da vítima, sobretudo quando a não ajuda decorre de motivos egoístas, como: evitar o envolvimento com a situação e evitar consequências desagradáveis. Neste caso, a culpa empática pode fazer com que o indivíduo, que não socorreu a vítima, passe a ajudar outras vítimas em situações semelhantes.

- *Injustiça empática*: é o sentimento que emerge quando o observador vê uma pessoa considerada como boa ser submetida a um sofrimento. O observador sentirá injustiça, ao concluir que o sofrimento infligido à vítima não era merecido. A este respeito, Hoffman comenta que existe uma tendência do observador sentir, primeiramente, tristeza, raiva e talvez culpa, mas, em seguida, ao concluir que o sofrimento da vítima não era merecido, sentir injustiça (indignação).

Segundo Hoffman (2003), no momento em que os sentimentos empáticos em relação ao sofrimento do outro são despertados no observador, há a possibilidade desse sofrimento desencadear também uma forma de motivação para buscar a resolução de conflitos, definida de angústia simpática, o que se caracteriza como um comportamento pró-social. A pró-sociabilidade, estudada por Eisenberg e Kohlberg, são ações voluntárias definidas em prol de suas consequências positivas (KOLLER; BERNARDES, 1997). Logo, o despertar de sentimentos empáticos sensibiliza o sujeito ao sofrimento do outro, fundamental para o desenvolvimento de atos morais, considerado uma disposição para fazer algo em nome de uma pessoa ou grupo (THOMAS, 1997).

Todavia, a empatia não garante que o indivíduo irá pensar/agir de forma correta, mas o equilíbrio entre a motivação gerada por esses sentimentos e o desenvolvimento de um raciocínio moral mais elaborado é o caminho para um desenvolvimento moral desejável (GALVÃO, 2010), possibilitando a formação de relações saudáveis para um bom convívio social e familiar.

Esta pesquisa se debruçou sobre o estudo da socialização do sentimento empático, baseando-se na análise de díades, composta por mãe e filhos adolescentes.

Na adolescência, com o desenvolvimento do senso cognitivo, com a formação dos conceitos sociais e a compreensão da identidade, o sujeito torna-se capaz de desencadear sentimentos empáticos com a condição crônica de vida do outro. De acordo com Hoffman (1991), no início da adolescência, o senso de possuir uma identidade contínua possibilita ao adolescente assumir diferentes papéis, avaliar reações, generalizar situações e, finalmente, construir um conceito de experiência de vida geral do outro. Nessa fase, em função de sua capacidade de abstração, a empatia pode resultar da imaginação de como seria viver com as experiências e os sentimentos associados a determinadas

condições de vida. Quando, por exemplo, se encontra alguém em dor, perigo ou desconforto, o sujeito é exposto a uma rede de informações sobre o estado afetivo do outro, o que promove a empatia. Em relação às mães, algumas pesquisas revelam que elas ocupam um lugar importante no processo de socialização: o efeito das técnicas disciplinares é mais evidente quando utilizado pelas mães do que quando utilizado pelos pais (GOODNOW; GRUSEC, 1994; HOFFMAN, 1975).

Diante dessas considerações sobre a socialização dos filhos e sobre a empatia, este estudo objetiva apresentar a relação entre o uso pelas mães de uma técnica indutiva de socialização empática e o grau de empatia dos filhos. Assim, serão investigadas as relações entre o que as mães dizem que conversam com seus filhos sobre a empatia; o quanto seus filhos dizem que percebem que suas mães conversam com eles sobre a empatia e o quanto eles dizem sentir empatia.

Método

Esse estudo é de natureza quantitativa. Trata-se de uma pesquisa de campo *ex-post facto*.

Participantes

Participaram do estudo 100 díades de mães-filhos, contemplando as características apresentadas no Quadro 1. A amostra foi não probabilística, podendo ser definida como intencional, pois incluiu as pessoas que, consultadas, se dispuseram a colaborar respondendo o questionário apresentado.

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa

FILHOS															
Carac	Idade		Escola		Sexo		Raça					Religião			
	12-13	16-17	Privada	Pública	M	F	Branco	Pardo	Moreno	Negro	Não declarou	Católica	Evangélica	Sem Religião	Não declarou
Freq	50	50	50	50	50	50	40	24	6	6	24	70	15	12	3

MÃES																					
Carac.	Idade		Escolaridade				Estado civil					Raça				Religião					
	25-3	36-5	Fund.	Médic.	Super.	Não declar.	Casado	Solteira	Divorc.	Viúva	Não declar.	Branco	Pardo	Moreno	Negro	Não declar.	Catól.	Evang.	Espir.	Sem Relig.	Não declar.
Freq.	50	50	9	40	49	2	80	8	6	4	7	56	22	8	7	7	70	20	1	4	5

Instrumento

Os participantes responderam a um questionário contendo as seguintes escalas:

a) Mães

- *Sentimento empático (SE)*: essa escala é composta por 20 itens que foram distribuídos, igualmente, de acordo com os sentimentos de *raiva empática*, *injustiça empática*, *culpa empática* e *compaixão empática* (HOFFMAN, 2003). Cada item relaciona-se a uma das seguintes situações: preconceito contra os deficientes, pessoas passando fome ou pedindo esmolas, presos nas cadeias, pessoas vítimas de tragédias ou fatalidades, e pessoas que cometem crimes. A escala é de cinco pontos do tipo *Likert*.

Exemplo:

Sinto pena (tristeza, sofrimento) das pessoas vítimas de tragédias.	Nada Pouco Mais ou menos Muito MUITÍSSIMO
---	---

- *Verbalização materna sobre empatia (VME)*: essa escala é composta por 20 itens que avalia o quanto as mães dizem conversar com seus filhos sobre sentimentos empáticos.

Exemplo:

<u>Eu digo ao meu filho</u> que sinto pena (tristeza, sofrimento) das pessoas vítimas de tragédias.	Nada Pouco Mais ou menos Muito MUITÍSSIMO
---	---

b) Filhos

- *Sentimento empático* (SE): a mesma escala que foi aplicada para as mães, já descrita anteriormente.

- *Percepção dos filhos da empatia das mães* (PFEM): essa escala é composta pelos mesmos 20 itens da escala de SE, que também devem ser avaliados em uma escala tipo *Likert* de cinco pontos. Porém, nesse caso, o participante deve avaliar os itens pensando no quanto sua mãe conversa com ele sobre os sentimentos descritos.

Exemplo:

<p>Minha mãe diz que sente pena (tristeza, sofrimento) das pessoas vítimas de tragédias.</p>	<p>Nada Pouco Mais ou menos Muito Muitíssimo</p>
--	--

Cada questionário apresentou um cabeçalho a ser preenchido com dados sócio-demográficos e instruções sobre a forma de responder as escalas.

As escalas supramencionadas (SE, VME, PFEM) foram criadas e validadas por Camino (2012) e apresentaram índices de consistência interna - Alfa de Cronbach (α) - entre 0,75 e 0,85.

Procedimento

A coleta de dados foi realizada na estrutura de uma rede de relacionamentos, em que díades apontavam outras díades com o perfil do estudo. Todas as díades foram previamente consultadas sobre o desejo e a disponibilidade de participação da pesquisa. Os questionários foram aplicados simultaneamente a mães e a filhos em suas residências, sendo esclarecidos, verbalmente, o objetivo, a relevância do estudo, o sigilo das informações que seriam dadas, e a possibilidade de desistência da participação na pesquisa.

Análise dos dados

No programa SPSS, realizou-se estatísticas descritivas para caracterizar a amostra e comparar os diferentes escores das escalas; análises de variância

(ANOVA) com a finalidade de comparar as médias das escalas em função do sexo; e Teste de Correlação de Pearson, para verificar correlações entre variáveis.

Resultados

Análise descritiva das Escalas

Os resultados apresentados a seguir referem-se à descrição das quatro maiores médias e das quatro menores médias das escalas avaliadas. Tais médias serão apresentadas juntamente com seus desvios padrões. Cabe salientar que o desvio padrão é uma medida de dispersão que possibilita visualizar como os valores de uma amostra estão dispersos em relação à média. Já a média se refere a uma medida de tendência central, ou seja, é o ponto de equilíbrio de um conjunto de dados que possibilita caracterizar, resumidamente, o quão pontual são determinados elementos em uma amostra analisada.

É possível observar na Tabela 1 que os sentimentos empáticos mais verbalizados pelas mães para seus filhos referem-se aos sentimentos de injustiça, raiva e pena, direcionados às vítimas de crime e ao sentimento de pena dirigido às vítimas de tragédias, e os sentimentos menos verbalizados pelas mães para seus filhos foram os sentimentos empáticos relacionados aos presos.

Tabela 1 – Hierarquia das médias em relação à verbalização materna sobre empatia

Itens	M	DP
Eu digo ao meu filho que...		
Sinto que é injusto quando alguém mata pessoas inocentes	4,08	1,03
Sinto raiva de quem comete crime contra inocentes	3,82	1,02
Sinto pena das pessoas vítimas de tragédias	3,79	0,88
Sinto pena de quem não faz nada e é vítima de crime	3,77	0,91
Sinto pena dos presos	2,58	1,21
Sinto que é injusto a situação horrível dos presos nas cadeias	2,56	1,25
Sinto raiva de quem maltrata os presos	2,49	1,24
Sinto culpa por não poder fazer nada para melhorar a situação dos presos	2,25	1,17

Diante do exposto na Tabela 2, constata-se que os adolescentes percebem que suas mães expressam mais sentimentos de injustiça, raiva e pena aos inocentes vítimas de crime e pena dos pobres, e expressam menos sentimentos empáticos diante da situação dos presos.

Tabela 2 - Hierarquia das médias em relação à percepção dos filhos da empatia das mães

Itens	M	DP
Minha mãe diz que...		
Sente pena dos pobres	4,02	4,17
Sente que é injusto quando alguém mata pessoas inocentes	3,99	0,93
Sente raiva de quem comete crime contra inocentes	3,81	1,03
Sente pena de quem não faz nada e é vítima de crime	3,60	1,09
Sente pena dos presos	2,68	4,20
Sente que é injusto a situação horrível dos presos nas cadeias	2,32	1,12
Sente raiva de quem maltrata os presos	2,24	1,11
Sente culpa por não poder fazer nada para melhorar a situação dos presos	1,86	0,93

Confrontando as Tabelas 1 e 2, é possível identificar que os sentimentos empáticos que as mães afirmam dialogar com seus filhos (Tabela 1) pouco diferem daquilo que os filhos percebem em relação ao que suas mães conversam com eles (Tabela 2).

Em relação aos sentimentos empáticos das mães e dos filhos, conforme pode ser visto na Tabela 3, as médias dos sentimentos empáticos das mães são semelhantes às médias dos sentimentos empáticos dos filhos: tanto na amostra das mães quanto na dos filhos, as maiores médias referem-se à empatia pelas vítimas de crime e pelos pobres, e as menores referem-se ao sentimento empático pelos presos.

Tabela 3 – Comparação das médias em relação à escala de sentimentos empáticos (SE) aplicada nas díades

Itens <i>Sinto...</i>	<i>Participante</i>	
	Filho	Mãe
que é injusto quando alguém mata pessoas inocentes	4,37	4,34
raiva de quem comete crime contra inocentes	4,19	4,24
pena de quem não faz nada e é vítima de crime	4,06	4,18
pena dos pobres	3,93	3,71
raiva de quem maltrata os presos	2,63	2,93
que é injusto a situação horrível dos presos nas cadeias	2,35	2,85
pena dos presos	2,27	2,43
culpa por não poder fazer nada para melhorar a situação dos presos	2,15	2,66

Correlações entre as Escalas

Para verificar se havia convergência entre as escalas respondidas pelos participantes foram calculados os coeficientes de correlação de Pearson, considerando os escores das Díades. Conforme pode ser visto na Tabela 4, todas as sub-escalas apresentaram correlações significativas e positivas entre si, corroborando a análise descritiva das médias apresentadas anteriormente. Portanto, evidencia-se que os sentimentos empáticos que são verbalizados ou compartilhados pelas mães aos seus filhos estão correlacionados com os sentimentos empáticos que os filhos consideram que as mães valorizam e com os sentimentos empáticos que eles e suas mães sentem.

Tabela 4 – Coeficientes de correlação de Pearson entre as Escalas relacionadas a verbalização materna, percepção e sentimentos empáticos.

	Verbalização materna de empatia (mãe)	Percepção materna de empatia (filho)	Sentimento empático (filho)	Sentimento empático (mãe)
Verbalização materna de empatia (mãe)	1	,725**	,803**	,818**
Percepção materna de empatia (filho)	,725**	1	,887**	,591*
Sentimento empático (filho)	,803**	,887**	1	,699**
Sentimento empático (mãe)	,818**	,591*	,699**	1

** A correlação é significativa a um nível de 0,01

* A correlação é significativa a um nível de 0,05

Discussão

Os resultados apresentados sugerem que a comunicação dos sentimentos empáticos das mães pode contribuir para o desenvolvimento dos sentimentos empáticos dos filhos, corroborando com os estudos que indicam a pertinência da indução como técnica privilegiada para a socialização materna (BAUMRIND, 1991, 1996; BEM; WAGNER, 2006; HOFFMAN, 1976, 1983, 1994; MIKLIKOWSKA; DURIEZ; SOENENS, 2011)

De acordo com Prust e Gomide (2007), os pais, ao interagirem com seus filhos de maneira afetuosa e empática, oferecem modelos de valores no ambiente familiar que poderão ser generalizados em outras circunstâncias e, dessa forma, poderão favorecer a formação de pessoas com mais habilidades sociais. Hoffman (2003), nessa mesma direção, defende que a socialização dos sentimentos empáticos pode favorecer a formação de pessoas mais altruístas, e Sánchez-Queija, Oliva e Parra (2006), com base em achados de pesquisa, acreditam que tal socialização pode ajudar a formar pessoas mais inclinadas a agirem de forma pró-social.

Conforme Del Prette e Del Prette (2001), a comunicação verdadeiramente empática pode gerar vários efeitos positivos para o indivíduo, tais como: validar o sentimento do outro, reduzir a tensão, produzir alívio, gerar disposição de partilhar dificuldades ou êxitos, estabelecer e fortalecer vínculos de amizade, diminuir sentimentos de desvalia, culpa e vergonha, recuperar ou aumentar a autoestima, criar e intensificar um canal de comunicação entre as pessoas e

predispor à análise e busca de solução do problema. Barnett (1987), por sua vez, lembra que um ambiente familiar favorável ao desenvolvimento da empatia permite a identificação, a experiência e a expressão de um variado leque de emoções; além disso, providencia mais oportunidades para que a criança observe e interaja com os outros, com os quais treinará a sua capacidade de responder empaticamente a estímulos verbais e comportamentais.

Diante do exposto, e com base nos resultados encontrados, é inegável a relevância de se socializar sentimentos empáticos. No entanto, é interessante refletir sobre o fato de que a socialização de sentimentos empáticos também pode acontecer de forma negativa: é preocupante como os presos são menosprezados tanto pelas mães quanto pelos filhos. Essa rejeição pelo grupo de apenados também foi encontrada por Galvão, Camino, Gouveia e Formiga (2009), em uma pesquisa que investigou o sentimento empático de adolescentes por diferentes grupos sociais, o que parece indicar que é algo socialmente compartilhado, mas que, por outro lado, poderia ser amenizado se as mães começassem a demonstrar uma maior empatia pelos apenados.

Considerações finais

Por fim, cabe considerar o escopo deste estudo, suas qualidades e limitações. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que ele é pertinente para a ampliação do conhecimento no campo da socialização e da empatia, sobretudo quando se considera a empatia como uma variável facilitadora da evolução dos pensamentos e comportamentos socialmente positivos, bem como da prevenção de problemas comportamentais, como condutas antissociais (BATISTA, 2011; BORDIN; OFFORD, 2000).

Este trabalho destaca-se também por contemplar a importância da percepção dos filhos a respeito dos aspectos de sua socialização, considerando-os como agentes ativos neste processo. Os estudos de socialização, de um modo geral, ou se focam nos agentes de socialização ou nos socializados; dificilmente, se trabalha com díades. Por outro lado, este estudo falha ao desprezar os demais agentes de socialização, tendo como foco principal as mães. Tem-se ciência de que o comprometimento da socialização dos sentimentos empáticos não compete apenas às mães, mas é uma

responsabilidade compartilhada com o ambiente familiar de modo geral e com todo o contexto sociocultural. Sugere-se que essa e outras limitações sejam consideradas em futuras pesquisas.

Referências

- BARNETT, M. A. Empaty and related responses in children. In: EISENBERG, N.; STRAYER, J. (Orgs.). **Empathy and its development**. New York: Cambridge University Press, p. 146-162, 1987.
- BATISTA, A. P. Comportamento antissocial em crianças e adolescentes: uma revisão de estudos teóricos. **Anais do Congresso Internacional de Saúde Mental**, Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Irati-Paraná, 2011.
- BATSON, C. D. **The altruism question: toward a social – psychological answer**. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1991.
- BAUMRIND, D. The influence of parenting style on adolescent competence and substance use. **Journal of Early Adolescence**, n. 11, p. 56-95, 1991.
- BAUMRIND, D. The discipline controversy revisited. **Family Relations**, n. 45, p. 405-414, 1996.
- BEM, L. A.; WAGNER, A. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 63-71, 2006.
- BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas. In.: _____; FISCHMANN, R. (Org.). **Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BORDIN, I. A. S.; OFFORD, D. R. Transtorno da conduta e comportamento anti-social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 22 , p. 12-15, 2000.
- CAMINO, C. **Determinants cognitifs et sociaux du jugement moral**. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Católica de Louvain, Bélgica, 1979.
- _____. **Sentimentos empáticos e responsabilidade social dos filhos relacionados à percepção das verbalizações das mães**. Relatório de Pesquisa - CNPq, Universidade Federal da Paraíba, 2012.

_____.; CAMINO, L.; MORAES, R. Moralidade e socialização: estudos empíricos sobre práticas maternas de controle social e julgamento moral. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 41-61, 2003.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais**: vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes, 2001.

EISENBERG, N.; FABES, R. A. Prosocial development. **Developmental Psychology**, v. 40, n. 6, p. 911-926, 1998.

GALVÃO, L. K. S. **Desenvolvimento moral e empatia: medidas, correlatos e intervenções educacionais**. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010, 299 p. Disponível em: http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1086. Acesso em Novembro de 2014.

GALVÃO, L.; CAMINO, C.; GOUVEIA, V. V.; FORMIGA, N. S. Proposta de uma medida de empatia focada em grupos: validade fatorial e consistência interna. **Psico-RS**, v. 41, n. 3, p. 399-405, 2010.

GRUSEC, J. E.; GOODNOW, J. J. Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: a reconceptualization of current points of view. **Developmental Psychology**, v. 30, n.1, p. 4-19, 1994.

HOFFMAN, M. L. Moral development. In: MUSSEN, P. H. (Ed.). **Carmichael's manual of child psychology**, 2 vol. New York: Willey, p. 261-359, 1970.

_____. Empathy, role-taking, guilt and development of altruistic motives. In: LICKONA, T. (Org.). **Moral development and behavior: Theory, research and social issues**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1976, p. 124-143.

_____. Affective and cognitive processes in moral internalization: an information processing approach. In.: HIGGINS, E. T.; RUFY, D.; HARTUP, W. (Orgs.). **Social cognition and social development: A socio-cultural perspective**. New York: Cambridge University Press, p. 236-274, 1983.

_____. Empathy and justice motivation. **Motivation and Emotional**, n. 4, p. 151-172, 1990.

_____. Interaction of affect and cognition in empathy. In.: IZARD, C. E.; KAGAN,

J.; ZAJONC, R. B. (Eds.). **Emotions, cognition, and behavior**. New York: Cambridge University Press, 1991.

_____. Discipline and Internalization. **Developmental Psychology**, n. 30, p. 26-28, 1994.

_____. **Empathy and moral development: implications for caring and justice**. New York: Cambridge University Press, 2003.

HOFFMAN, M. L.; SALTZSTEIN, H. D. Parent discipline and child's moral development. **Journal of personality and social psychology**, n. 5, p. 45-57, 1967.

KOLLER, S. H.; BERNARDES, N. M. G. Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. **Estudos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 223-262, 1997.

KREVANS, J.; GIBBS, J. C. Parent's use of inductive discipline: Relations to children's empathy and prosocial behavior. **Child Development**, n. 67, p. 3263-3277, 1996.

LAIBLE, D.; THOMPSON, R. Mother-Child discourse, attachment security, shared positive affect and early conscience development. **Child Development**, n. 71, p. 1424-1440, 2000.

MIKLIKOWSKA, M.; DURIEZ, B.; SOENENS, B. Family roots of empathy-related characteristics: the role of perceived maternal and parental need support in adolescence. **Developmental Psychology**, n. 47, p. 1342-1352, 2011.

PRUST, L. W.; GOMIDES, P. I. C. Relação entre comportamento moral dos pais e dos filhos adolescentes. **Estudos de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 53-60, 2007.

SAMPAIO, L. R. **Produtividade, necessidade e empatia: relações entre julgamentos distributivos, consideração empática, angústia pessoal e tomada de perspectiva**. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2007.

SÁNCHEZ-QUEIJA, I.; OLIVA, A.; PARRA, Á. Empatía y conducta prosocial durante la adolescencia. **Revista de Psicología Social**, n. 21, p. 259-271, 2006.

THOMAS, R. M. Specialized Theories. In.: _____. **Moral development theories - secular and religious: a comparative study**. New York: Greenwood Press, 1997.

VITALE, M. A. F. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A Família Contemporânea em debate**. 4 ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002.